

(SOBRE) VIVÊNCIAS:

VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR ATIVISTAS CATUENSES

*Eixo Temático: As novas tecnologias do poder no combate as
dissidências: se fere nossa existência, seremos resistência!*

Davi Santos da Silva ¹
Alexandre de Oliveira Fernandes ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as vivências de ativistas LGBTQ+ catuenses na construção de ações do “Grupo diversidade de Catu” (GDICT), e os preconceitos que esses integrantes sofreram em uma sociedade cis heteronormativa que busca enquadrar corpos. Com metodologia de caráter qualitativo exemplificamos a descrição das experiências vividas por integrantes do movimento, em que o autor se encaixa. As vivências aqui discutidas ao abordarem a intolerância às pessoas LGBTQ+ do município de Catu, Bahia, se embasaram em Paul Preciado (2019), Judith Butler (2021, 2018), Michel Foucault (1985) e Patrícia Hill Collins (2019).

Palavras-chave: Vivências, Ativismo, Resistência, Poder, LGBTQfobia.

Trajetória.....

A luta da comunidade LGBTQ contra a opressão no Brasil é anterior à Constituição Federal de 1988. A história nos remete ao processo democrático recente, porém, uma variedade de microelementos de violação dos direitos dos sujeitos LGBTQ é anterior aos dias atuais.

Segundo Facchini (2003), a trajetória do surgimento do movimento homossexual

¹ Mestrando do Curso de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, david15silva@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Ciências da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, alexandre.pro@gmail.com.

ao movimento LGBT no Brasil, para fins de análise, é dividida em três momentos: o primeiro corresponde ao surgimento e expansão do movimento durante a abertura período; a segunda corresponde a meados da década de 1980, coincidindo com a democracia e o surgimento da aids, a chamada "epidemia gay"; o terceiro momento a partir do início dos anos 1990 com o ressurgimento do movimento LGBT, diante da ascensão da AIDS e das novas formas de associativismo, consolidadas nos anos 2000.

O Grupo Diversidade de Catu surgiu em 2010, quando alguns amigos conversando em um bar de maneira informal perceberam que em diversas cidades da região em torno de Catu já estavam realizando paradas gays, como eram conhecidas na época. Sendo assim decidiram realizar o evento também, durante alguns anos, o GDICT realizava apenas paradas, depois outros eventos começaram a ser realizados no município.

O município de Catu é uma cidade de Estado da Bahia. Os habitantes se chamam catuenses. O município se estende por 416,2 km² e contava com 51.077 habitantes no último censo (2010). O município está inserido no Território Litoral Norte e Agreste de Alagoinhas, Estado da Bahia. Faz divisa com as seguintes cidades: Pojuca, Alagoinhas, Araçás, Teodoro Sampaio, Terra Nova e São Sebastião do Passé. A economia do local é baseada nos setores de serviços e da indústria petrolífera, destacando-se ainda no setor da agropecuária, conforme o IBGE.

Trata - se de uma cidade do interior, pequena e predominante cristã. Sendo assim, as questões de gênero são pouco discutidas até o momento em que o Grupo Diversidade começa a promover em grande escala esta discussão.

Com a difusão do movimento LGBT+ catuense, a demanda de realização de eventos começava a ser muito maior e a onda de preconceitos e discriminações para com os integrantes ativistas do movimento ganhavam força. As violências vinham de todos os lados e em todas as atividades que o movimento LGBT+ catuense realizava, porém com tantas agressões, a resistência dos indivíduos de sexualidades dissidentes na cidade de Catu ganhava corpo e forma para combater as regras advindas das instâncias da sociedade.

Para Foucault (1998), a sociedade estabelece um conjunto de normas e regras implementadas pela religião, justiça, educação e saúde, que relacionados a questão da sexualidade ganha diversas manifestações, que reconfigura seu significado.

Sendo assim, a história do sexo vislumbra e demonstra a hipocrisia de nossas sociedades burguesas, forçando algumas concessões, mas não permitindo o sexo ilícito,

sendo perturbador em outros lugares além dos padrões e regras do sexo binário masculino-feminino (FOUCAULT, 1998).

Com as imposições sobre o sexo, vislumbramos possibilidades diversas de preconceitos em uma sociedade binária, onde até os atos sexuais devem ser controlados e binários, um controle total dos corpos com imposicionamento de regras e condutas para satisfazer a lógica heteronormativa.

Observar as diversas imposições em âmbitos diversos da sociedade, percebemos a importância de divulgar escritos como este, que objetiva refletir sobre as vivências de ativistas LGBTQ+ catuenses na construção de ações do Grupo diversidade de Catu e os preconceitos que esses integrantes sofreram em uma sociedade cis heteronormativa que busca enquadrar os corpos.

Diante do objetivo, percebemos que as vivências dos integrantes do movimento LGBTQ+, mostram a tentativa de enquadrar os corpos, tornando-os moldáveis. Sendo assim, querem que todos sigam uma lógica binária, ou é homem, ou é mulher e tudo que foge desta lógica é colocado como algo anormal e precisa ser normalizado, docilizado, curado.

Com metodologia de caráter qualitativo exemplificamos a descrição das experiências vividas por integrantes do movimento LGBTQ+ de Catu, em que o autor se encaixa, relacionada a teoria utilizada para embasar as discussões teóricas.

Ao longo da história, o discurso religioso associava a homossexualidade como sodomia, pecado, doença, crime contra a natureza, viadagem, frescura, dentre outros termos considerados práticas maléficas a sociedade, resultando em pena de morte, como apedrejamento, decapitação, enforcamento, e até mesmo queimados em fogueiras. E, embora em pleno século XXI, a prática sexual continua sendo alvo de preconceitos e de críticas, são elevados os números de assassinatos, agressões dentre outras formas de violência ao grupo LGBTQ- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros. Assim, a construção de identidade homossexual é estabelecida por uma sociedade desigual e machista, que rejeita disfarçadamente a comunidade homoafetiva.

É por meio desses e de outros discursos conscientes, que se deve mudar a concepção da orientação sexual no contexto social e familiar. Para que mude a ideia de preferir um filho morto, ou uma sociedade “limpa”, ao invés de um gay; pois a homossexualidade não se é corrigida, porque não há nada de errado. Mas a homossexualidade deve ser valorizada e respeitada. Para que a sociedade propague um

padrão não heteronormativo, um padrão *uno*, mas propagar um discurso a favor da diversidade, igualdade de direitos e da aprovação social. A homossexualidade tem a capacidade de reinventar novas formas de se relacionar, a criatividade para fazer novas relações e a sustentação dessas (GUIMARÃES, 2009).

Durante anos a sociedade tenta enquadrar os corpos neste sistema binário, e justamente por essa imposição que surgiram os movimentos sociais, na busca de mostrar para a sociedade que não se tratava de uma escolha ser LGBTQ+.

Dentre os diversos movimentos que surgiram o jornal *lâmpião da esquina* foi um dos percursores em prol da causa LGBTQ+. Agora as questões de gênero começavam a ganhar espaço na sociedade.

O GDICT, assim como os diversos movimentos LGBTQ+ que existem no Brasil, luta contra as diversas formas de preconceitos no município que atua.

Dentre os preconceitos, lutar contra a LGBTQfobia é o foco do movimento. Mesmo com uma grande discussão sobre essa forma de preconceito, muitos integrantes já passaram por grandes embates na sociedade.

Segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), LGBTQfobia é um termo usado para entender o comportamento violento contra a comunidade LGBTQ+ e é apresentado como uma gama de atitudes ou sentimentos negativos em relação às pessoas LGBTQ+, motivados por orientação sexual e/ou identidade de gênero. Muitas vezes é motivado pela ignorância, alienação, valores morais baseados no senso comum, de cunho religioso, invisibilidade, ignorância e preconceito.

Diante do conceito de LGBTQfobia, consideramos a existência desta forma de preconceito nas investidas de poder frente a integrantes do movimento LGBTQ+ catuense e a agressão verbal sofrida pelos integrantes mostrou a realidade.

Para entender a trajetória

Trata-se de um relato de experiência, de natureza qualitativa, realizado com base nas experiências vividas por ativistas LGBTQ+ na organização das ações do GDICT. As experiências descritas fazem parte da organização da Parada do Orgulho LGBTQ+, a ação foi realizada em agosto de 2019. Os ativistas violentados estavam realizando entrega de documentos para a organização do evento, o autor esteve presente, vivenciando todas as experiências exemplificadas. Nessa perspectiva a presença do tema violência contra a

população LGBT+ foi trabalhada na produção de sofrimento e o preconceito sofrido pelos ativistas. Para elaboração do conteúdo foram utilizados artigos científicos, manuais e livros sobre a temática. Foi realizada também durante a construção do trabalho uma busca nas bases de dados do scielo e google acadêmico de todos os trabalhos sobre preconceito e discriminação às ativistas LGBT+.

A pesquisa contou com relatos escritos pelo autor nos quais foram discutidos as melhores fontes para pesquisa no material selecionado, a produção textual foi aprimorada visando conferir maior clareza e objetividade ao texto. O estudo baseou-se na análise de referenciais teóricos no sentido de selecionar conceitos que trouxessem ao texto uma melhor argumentação para discutir as vivências.

Um percurso sinuoso entre obstáculos!

Os resultados deste estudo são baseados nas experiências que o autor estava presente no momento em que ocorreram e as experiências apresentadas são todas de momentos da organização da Parada LGBT+ de Catu.

Ao caminhar para solicitar apoio para a realização de uma das paradas, paramos em um estabelecimento. Ao ser atendido por um dos funcionários, solicitamos a presença do gerente para explicar o evento e solicitar apoio entregando um documento.

Ao chegar e ouvir a explanação do que se tratava, o gerente disse:

Não quero viado no meu estabelecimento, saiam....saiam...Não vou ajudar nessa pouca vergonha. Que vaiadagem. Não vou ajudar viado. Que onda viu, vão da seu cu em outro lugar, mas aqui vocês não têm vez (GERENTE).

Neste momento os ativistas foram colocados para fora do estabelecimento, e ficaram perplexos com a atitude. Diante do discurso proferido pelo gerente do estabelecimento, podemos perceber que o seu ódio vai além do verbalizado.

Esse ódio vindo de todos os lados e com uma séries de palavras, como descrita no discurso do gerente do estabelecimento, de fato observamos que palavras como gay, viado, viadinho, bichinha, maricona, viadinho pão com ovo.....são os diversos adjetivos que os menosprezam um ser que tenta lutar pelo pão de cada dia, mostrando uma sociedade extremamente heteronormativa, no qual discursos proferidos a comunidade

LGBT exercem um poder de dominação que exclui os que não estão seguindo uma norma binária (FOUCAULT, 1988).

A lógica heteronormativa de citar que todos devem sair e ir dar o cu em outro local, mostra que ele quer ver os LGBTs em outro local que não seja ali próximo dele, que sumam e que não expressem nenhum tipo de vez e fala de resistência contra uma sociedade binária.

Querem manter o que estão fora de um padrão hétero calados, sem lugar de fala, como subalternos que vivem no silêncio, sem expressão e fala (MOMBAÇA, 2015).

A palavra cu na fala preconceituosa foi usada no intuito de menosprezar e coibir qualquer ação que iria ao encontro do ato discriminatório. Para tanto, numa sociedade politicamente regulada, o cu deve ser somente um orifício que serve para excretar e nada mais. Como afirma Preciado (2019):

No homem heterossexual cu, entendido exclusivamente, como o excretor, não é um órgão. É a cicatriz que deixa no corpo a castração. O cu fechado é o preço que paga ao regime heterossexual o corpo pelo privilégio de sua masculinidade (PRECIADO, 2019, p.3).

O fato é que pessoas de sexualidades dissidentes não devem se expressar e ter um local de fala privilegiado, devem permanecer calados, a margem da sociedade e tido como um anormal, um desvio da norma.

Outra vivência que o autor estava presente, ele e mais uma integrante foram entregar um documento em um espaço público para solicitar apoio. A outra pessoa, que se intitula uma mulher lésbica, negra, pobre e ativista entregou o documento e foi respondida da seguinte forma:

Muito bom. Solicitando apoio para a Parada da Diversidade. Mas..... você é lésbica é, nem parece, para mim você não parece nem um pouco. Humm. Você deve ser assim por que não achou nenhum homem que te pegasse de jeito, se me desse a oportunidade queria ver se não se transformava rapidamente em uma mulher que gosta de pica (FUNCIONÁRIO).

Diante da resposta com um discurso extremamente heterossexista, observamos o pensamento machista. Para além do pensamento machista, o tom agressivo revelou outro aspecto, o falocentrismo. O ato de dizer que ela precisava de uma "pica" revela que a superioridade masculina é o centro das relações no mundo para o indivíduo em questão.

Na discussão em questão, o pênis reflete a uma soberania de poder masculina, o homem na relação de poder é o detentor de uma força soberana frente as mulheres.

Diante do contexto, as relações de poder ficam evidentes, bem como as forma que elas são manifestadas na sociedade.

Sendo assim, os escritos de violência citados neste trabalho afirma a abundante quantidade de violência que os LGBTs sofrem na Bahia. Segundo o relatório de 2021 do Grupo Gay da Bahia³, 10, 7 % das mortes na Bahia foram de pessoas LGBT, e o estado ocupa o segundo lugar no ranking de mortes, e desses 10,7%, 2 % foram de ativistas que lutam diariamente contra essas violências.

Para além das relações de poder homem x mulher na sociedade, temos também a questão do biopoder que para Foucault (1985) o objetivo é disciplinar os corpos e regular o prazer de uma determinada situação por meio da norma.

As vivências apresentadas são o exemplo claro de biopoder, onde o prazer sentido por ser um homem gay ou uma mulher lésbica sofrem inferências por meio desta sociedade que quer regular e normatizar os corpos.

Com todos os relatos, a desigualdade está a vista em um efeito desastroso através das investidas sociais por meio do biopoder. Um sistema de desigualdade que além das questões de gênero, outras questões como raça, etnia, religião e posição social são fatores que fazem com que muitos sejam menosprezado e silenciados.

As questões citadas são marcadores sociais que enquadram o sujeito e os caracteriza como minoria, no caso da ativista citada, que sofre muito mais para além das questões de gênero, mas também por ser mulher, negra e pobre.

Podemos denominar essas considerações como consequências de formas subordinadas, com diversos marcadores sociais que pessoas sofrem por carregar esses marcadores. As mulheres que sofrem preconceitos diversos, inicialmente pela questão do gênero, e isso vai mais além como observamos no relato acima. As questões interseccionais perpassam gerações e seguem atuando se maneira sistemática na sociedade.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o

³Relatório do Grupo Gay da Bahia. 2021. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com/2022/02/24/mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil/>. Acesso em: 26. Jul. 2022;

gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2018, p.21).

A interseccionalidade bem colocada também por Patrícia Hill Collins (2019) mostra como minorias sofrem por carregar esses marcadores sociais. Sendo assim, as pessoas podem sofrer opressão por um, ou por vários marcadores sociais durante a sua vida.

Ainda não concluímos...

As falas exemplificadas no decorrer do trabalho corroboram com uma discussão bem pertinente, pois, as injúrias proferidas a uma minoria é entendida como um discurso de ódio que machuca, agride e ganha força na boca de determinadas pessoas.

Sendo assim, as falas inferem uma violência que fazem uma confusão muito grande ao ouvinte. Essas falas censuram e agridem os corpos, no intuito de dar continuidade com os desdobramentos de uma sociedade machista. Diante das discussões apresentadas, as investidas de poder indo de encontro a comunidade LGBTQ+ são frequentes.

Diante do referencial teórico utilizado neste trabalho, verificamos a emergência de uma educação social a partir de ações ligadas as questões de gênero e sexualidade, bem como a efetivação de políticas públicas para a população LGBTQ+.

Atitudes como a citada no texto são frequentes no cotidiano das pessoas com sexualidades dissidentes. Apesar dos esforços dos movimentos junto aos órgãos de segurança em prol de ações de defesa desta população ainda estamos vivenciando números altíssimos de violências. Ato este, que reafirma as reações de uma sociedade extremamente patriarcal, heterossexista e binária, que exclui a população LGBTQ+ de diversas formas.

Mesmo com todas as atitudes preconceituosas, é importante que os movimentos LGBTQ+ continuem realizando atividades na tentativa de coibir a cada dia as atitudes preconceituosas, que podem ir além de palavras e chegar até a violência física.

Assim, este trabalho mostra que o GDICT é um movimento social que através de seus agentes utilizam linguagens de resistência que busca ir de encontro a norma, o binarismo e a heteronormatividade, na tentativa de que a sociedade seja mais justa e equânime.

Além disso, reforça que a luta constante contra as investidas de poder, e atualmente o biopoder são ações que devem ser reverberadas muito mais a cada dia, na tentativa de coibir práticas preconceituosas presente na sociedade. Pois, a luta é constante, afinal, se fere nossa existência, seremos sempre resistência!

REFERÊNCIAS

ADAID, F. UMA DISCUSSÃO SOBRE O FALOCENTRISMO E A HOMOFOBIA. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 27, n. 1, 2020. DOI: 10.35919/rbsh.v27i1.123. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/123. Acesso em: 17 jul. 2022.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Cartilha de orientações à população LGBT no combate à LGBTfobia**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/03/cartilha-lgbtifobia.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BUTLER, Judith, **Discurso de ódio**: Uma política do performativo. Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Em Direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão**. In: MORENO, Renata (Org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil**: recompondo um histórico. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 79-123, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Graal. 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

GUIMARAES, Anderson Fontes Passos. **O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual"**: um exercício de construção de identidades. Temas psicol. Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023. Acesso em 17 set. 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/catu.html>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MOMBAÇA. Jota. **Pode um cu mestiço falar?** 2015 Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em 20 mai. 2022.

PELÚCIO, Larissa. **O Cu (de) Preciado** – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@1-no9-printemps-2016-12.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

PERES, William Siqueira, & Toledo, Livia Gonsalves. (2011). **Dissidências Existenciais de Gênero**: resistências e enfrentamentos ao biopoder. Psicologia Política, 11(22), 261-277. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127026/ISSN1669-3582-2011-11-22-261-277.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jul. 2022.

PRECIADO. Paul P. **Terror anal**: notas sobre os primeiros dias da revolução sexual. Tradução de Kauan Amora. 2019. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/terror-anal-pdf-free.html>. Acesso em: 17 jun.2022.